

Fatos e autores ..	2	Artes Plasticas ...	4
livros novos .....	2	Musica e Disco ..	5
Crítica .....	3	Daqui e de longe	8

O TIETÊ E AS CARTAS JESUITICAS — IV

# A agua condicionou fatos historicos na velha Capitania de São Vicente

A mudança de Santo André e o "rio de Piratininga" refletidos nas Atas da Camara da Vila e nas cartas dos padres inicianos — Contaminação das aguadas e veneno da mandioca

1 — A agua teve uma grande importancia, como elemento de direção, de aglutinação de comunidades, muito mais que historica em certas passagens da nossa formação social e economica e, sem exagerar, politica. Não apenas a agua dos rios, dos mares, a agua das fontes e dos poços. Fatores varios condicionaram sua importancia. Percebe-se a validade do problema particularmente em Santo André no seculo XVI, durante largo periodo da existencia da vila. Embora a hipótese mais aventada de que João Ramalho concordara na mudança da vila em face da rebelião dos tamoijs que se aproximava perigosamente ameaçando Piratininga e Santo André, parece licito lembrar-se tambem de alguns fatores geograficos e economicos, como se depreen-

de de algumas passagens das Atas da Camara de Santo André. O que diz respeito à agua, principalmente. É ilustrativa a reclamação dos moradores da vila contra a contaminação de suas aguadas. Fator de mudança da vila tambem, como a agua dos rios, onde havia peixe, a caça e a comunicação. Jean Brunhes já assinalara que "les grands itinéraires des nomades sont asservis à la répartition des points d'eau" (La Géographie Humaine, édition abrégée). Principalmente nas regiões deserticas. É a riqueza da povo a agua e, ainda, dos primeiros povoadores, pois é a agua que lhes dá a noção geografica pratica e determina o movimento em regiões por conquistar. É a estrada, é o caminho que anda. Alguns pormenores dessa importancia foram assinalados no Nilo em estudo de

Jacques Besançon, modernamente. Do ponto de vista politico, este fenomeno se observa com mais realismo na localização das reduções jesuíticas do Guairá (Documentação De Angelis). É o rio que nem sempre pode ser, integralmente, um elemento de colaboração, mas é sempre um elemento de segurança e de orientação, condição da criação de raizes, ou seja, de povoados. Piracicaba é ponto bastante significativo nesta ordem de idéias, ou mais recuado na historia é o exemplo de Araricaguaba, hoje Porto Feliz. Elemento realizador da conciliação humana. O rio Tietê está dentro das características de "fleuves répulsives" e de "fleuves attractifs" do esquema de Jean Brunhes, pois reúne os mesmos elementos de colaboração e de repulsão. É um contraste, um desafio permanente ao aventureiro, ao monçojeiro, cujo uni-

eo veiculo de locomoção e transporte tinha que ser, necessariamente, a canoa. O idillio lirico homem-rio não houve com o Tietê, embora alguns poetas tenham chegado a compará-lo ao doce Mondego, transportando para o tropico valores romanticos que se invalidam ante a realidade mais forte. Aquela intimidade quase amorosa dos homens com o rio, como o Capiberibe e outros rios do nordeste, nunca existiu no Tietê...

Texto de  
Leonardo ARROYO  
Ilustração de  
Venancio VIEIRA DIAS



ficativo outro passo da carta pedindo a desobrigação, ou sugerindo, dos moradores de Santo André "onde não têm mais que farinha e não se pode ajudar do peixe do rio, porque está três leguas daí" (idem, idem). E ajuntava que "se os deixassem chegar ao rio, teriam tudo e sossegariam". Parece não haver duvida que o rio ou era o Tietê ou o Tamanduaté; o Tietê, por estar em sua margem localizada a aldeia de Piratininga de Tibiriça, ou taba de Piratininga (Afonso de E. Taunay, "São Paulo no Seculo XVI").

3 — As relações de agua e homens, estudadas por Melchnikoff, Roussier e Pardé (os franceses possuem uma admiravel tradição de estudos sobre geografia humana) não chamaram, com a devida extensão, ainda, a atenção dos especialistas na historia de São Paulo. As queixas dos moradores de Santo André, consubstanciadas naquela magnifica carta de Manuel da Nobrega, carta que é mais do que um documento, porque é uma ilustração geografica, lembram Jean Brunhes mais uma vez, quando afirma que a agua como o vento são "les facteurs premiers des faits géographiques humains" (La Géographie Humaine, édition abrégée). A agua principalmente, que explica a notavel movimentação espacial dos aborígenes à base, quase sempre, dos seus conhecimentos fluviais. O contacto permanente dos moradores de Santo André e São Vicente com os de Asuncion ou Guairá proporcionavam certamente um maior conhecimento do sertão, dos caminhos, dos rios cujas margens, nas terras ainda desconhecidas, davam a noção geogra-

fica do mundo novo. Não só serviam para orientação como tambem de meios de subsistencia, pois é à beira dos cursos d'agua que se encontra mais facil caça, o alimento representado pelo peixe, a agua que mata a sede e guia. Com o maior conhecimento do sertão, os rios perderiam naturalmente o importante e exclusivo papel inicial de guia e orientador, conforme se vai observar no movimento das bandeiras de apresamento do indio, que exigia maior espaço geografico. Mas o rio continuaria a servir de instrumento para as trocas das poucas mercadorias então existentes, já então como caminho ideal em termos de comercio, exigindo transportes mais estaveis e de maior capacidade que seriam as canoas. Ciclo este que tambem atingiria pleno desenvolvimento, para extinguir-se ante um meio de transporte mais eficiente, menos penoso e sacrificado, que seria o representado pelo ciclo do mular. O rio, porem, subsistiria na base de todo o conhecimento e andanças pelo cenario geografico do interior.

4 — Examinando-se com atenção as atas da Camara de Santo André no ano de 1557, ver-se-á, com mais pormenores e dramaticidade, a importancia, o papel saliente que teve a agua como um dos elementos formadores da consciencia de mudança da vila para o Colegio de São Paulo. A agua para os moradores, a agua para lavagem das mandiocas, a agua das plantas e animais. Agua tambem significando o Tietê com seus vastos recursos de peixe como alimentação, ou o Tamanduaté. Mal servida de agua

deveria ser Santo André, embora perto dos muros frageis da vila corresse um ribeirão, sem nome, que figura na Ata de 27 de julho de 1555 ligado à abertura de um caminho. Ver-se-á da Ata de 18 de junho de 1557 que fontes, veios ou fios d'agua não eram abundantes na vila, se é que eles existiam com capacidade de não se transformarem em problema refletido em documento oficial. Queixavam-se, com efeitos, alguns moradores que os fazendeiros de farinha, exprimendo o tuberculo, contaminavam as proximidades, matando o difficil gado domestico. Sugeria-se para solução que "tod jutos que espressem dentro em suas cazas ou em seus quitais e que augua que sayr da mão-dyoca a botem nua cova". A Ata, porem, é mais explicita. Não deixa duvidas sobre as consequencias da desordenada fabricação de farinha. O exprota das mandiocas contaminavam as "augoadas domde este povo breve". Parece difficil compreender que tal problema tenha sido colocado em tão vasta terra, mas a verdade é que a despropósito do espaço geografico se exprimia apenas na unidade constituída pela vila, pelos moradores e suas casas e seus afazeres, e circunscrito a alguns metros quadrados por medida de defesa contra o indigena e o animal selvagem. Mas, ele se impunha em face da pouquidão de agua no racio da vila, tão pouco e tão difficil, que os fabricantes de farinha ameaçavam todo o abastecimento da população, como já estava ameaçando, de forma incisiva, a propria subsistencia do gado. Pena é que as Atas sejam tão avaras

nesta questão da agua. Mas e rio que corria a algumas leguas da vila — o Tietê ou o Tamanduaté — mexia com o povo de Santo André, o rio com seus peixes, com suas margens onde o gado poderia facilmente dessedentar-se e onde tambem vinha mator a sede, ou tomar o sal dos barreiros, a rica caça fresca e facil.

5 — Típico deste espirito, desta necessidade de agua, foi que na sessão de 2 de setembro de 1557 o problema aparecia com toda a sua dramaticidade. O povo já se desesperava pela falta d'agua e só então — já talvez agindo os elementos trabalhados pelos jesuitas do Colegio (pura e plausível hipótese), embora o fenomeno concreto e apontado tenha sido a miseria e as dificuldades da vila — se falava abertamente na utilização de algum rio. O procurador requeria, em nome do povo, permissão para levar o gado ao "Ilôgo dallgu ryo". Não só o gado, mas os moradores que "estavão em esta dyta vylla e moryão de fome e pagavão muyto mall". Acrescentava o procurador, valorizando a queixa com o alto bem que representavam os animais, que tambem "moryão ho guado". E diante da situação dramatica a unica solução racional "e que se fosse dentro no termo della de Ilôgo dallgu ryo". Com tais elementos difficilmente poderemos ignorar que a agua tenha exercido influencia ponderavel na extinção de Santo André e consequentemente remoção dos seus moradores para o termo de Colegio. Colaborou a agua, em ultima análise, na politica dos jesuitas.

## "Numa ilha deserta o que vale os trabalhos tecnicos"

RITO, "NOVINHO EM FOLHA", O AUTOR "POVOADORES DO BRASIL" ENCARA CINSENTA ANOS — O CONHECIMENTO BASE PARA REALIZAÇÕES ARTISTICAS E LITERARIAS

representação das letras Leopatra, a conde Napoleão I

2 — Ao Tietê não foi estranha a mudança da Vila de Santo André da Borda do Campo para as proximidades do Colegio. Ao Tietê ou ao Tamanduaté, difficil é precisar com todo rigor historico. No dia 20 de setembro de 1557, o procurador do Conselho de Santo André requeria que todos se mudassem da vila, porque "morriam de fome e passavam muito mal, e morria o gado, e que se fossem dentro do termo dela, de longo de algum rio" (Atas da Camara de Santo André). A esse "rio" faz referencia uma carta de Nobrega cujos argumentos afinam pelos do procurador da vila. É quando descrevia o desanimo que lavrava na Capitania de São Vicente e a importancia do Colegio de São Paulo "para fixar a gente na terra" (Novas Cartas Jesuíticas). "Tambem me parece, dizia Nobrega, que se devia dizer a Martim Afonso e a sua Alteza que se quer que aquela Capitania se não despovoe de todo, que dêem liberdade aos homens para que os do Campo se ajuntem todos junto no Rio de Piratininga, onde eles escolherem". "No Rio de Piratininga", isto é, "no rio situado nas proximidades de Piratininga", "proximo de Piratininga", nas "cercanias de Piratininga", que é como tal parece poder entender-se a função daquela preposição "de". Mais, do que tais palavras é bastante signi-